

## Marxismo original e Utopia

NILDO VIANA\*

### Resumo:

O marxismo original – desenvolvido por Marx e Engels – geralmente é contraposto ao socialismo utópico como se fosse uma recusa absoluta e total. O objetivo do artigo é discutir a relação entre o marxismo original e o socialismo utópico e com a utopia. A tese defendida no artigo é a de que o caráter antiutópico do marxismo original é uma simplificação, pois o que ele realiza é uma suplantação do utopismo, o que significa manter os seus elementos positivos e negar os seus elementos negativos. Para tanto, o texto lança mão da análise da seção do Manifesto Comunista no qual Marx se posiciona diante do socialismo utópico e textos complementares, bem como a análise de comentaristas.

**Palavras-Chave:** Marxismo original; Proletariado; Socialismo Teórico; Socialismo Utópico; Teoria; Utopia.

### Abstract:

The original Marxism - developed by Marx and Engels - is generally opposed to the utopian socialism like an absolute and total denial. The objective of this article is to discuss the relationship between the original Marxism and utopian socialism and utopia. The thesis defended in the article is that the anti-utopian character of the original Marxism is a simplification, since it performs is a supplanting of utopianism, which means keeping its positive elements and deny its negative elements. Therefore, the text makes use of the analysis section of the Communist Manifesto where Marx stands before the utopian socialism and complementary texts, as well as analysis of commentators.

**Key words:** Original marxism; Proletariat; Theoretical Socialism; Utopian socialism; Theory; Utopia.



\* NILDO VIANA é professor da Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás (UFG), Doutor em Sociologia/UnB.



A palavra utopia surgiu 500 anos atrás com a obra de Thomas Morus. Após essa primeira utopia literária apareceu inúmeras outras<sup>1</sup>, bem como surgiram as utopias sociais e demais utopias artísticas<sup>2</sup>. As utopias sociais eram

<sup>1</sup> Alguns concebem que algumas obras, como *A República*, de Platão (1974) ou *A Cidade de Deus*, de Santo Agostinho, seriam “utopias”. Essa é uma interpretação problemática. As utopias são produtos da sociedade moderna e emergem no capitalismo. Os escritos de Platão e Santo Agostinho são pré-utópicas e se assemelham a pseudoutopias (BERNSTEIN, 2016). A primeira obra utópica é, sem dúvida, a de Thomas Morus. “A Utopia é e continua sendo o primeiro retrato mais recente de sonhos de ideais democrático-comunistas” (BLOCH, 2006, p. 74). Apesar da formulação linguisticamente inadequada de Ernst Bloch, a primeira utopia literária é a de Morus, enquanto que as primeiras manifestações de utopias sociais são as dos camponeses rebelados, especialmente a de Thomas Münzer (1978).

<sup>2</sup> As utopias sociais são práticas e não meramente literárias, ou seja, elas são projetos de sociedade que os utopistas buscam

ainda muito rudimentares antes da consolidação do proletariado como classe social. É com o surgimento do proletariado que emerge as utopias sociais que ficaram conhecidas como “socialismo utópico” ou “romântico”. O nosso objetivo aqui é colocar duas questões: qual é a relação do marxismo original com a utopia e com o socialismo utópico? Por marxismo original se entenda as ideias dos fundadores do marxismo, Marx e Engels, especialmente o primeiro. A razão desse questionamento é uma concepção muito comum segundo a qual os representantes do marxismo original seriam antiutópicos. Isso, no entanto, é uma simplificação do pensamento marxista original e nosso objetivo é defender e fundamentar esta

materializar na realidade concreta. As utopias artísticas são manifestações utópicas em outras formas de arte além da literatura, especialmente no cinema.

hipótese e a de que, na verdade, o marxismo é um desenvolvimento da utopia.

O primeiro ponto a destacar é o conceito de utopia. O que é utopia? Esse termo pode ser, e efetivamente foi, compreendido sob formas distintas. A utopia nas representações cotidianas é o mesmo que “sonho irrealizável” e nisso o que se tem é apenas a popularização da concepção do fundador do positivismo, Augusto Comte, para quem ela não seria nada mais que “sonho metafísico e irracional” (VIANA, 1990). Essa concepção de utopia não passa de uma tentativa de desqualificação pejorativa. Ernst Bloch já apresenta a utopia como “fundamentação objetiva do porvir” (BLOCH, 2006). Sem dúvida, as definições de utopia sempre focalizam o futuro. Nesse sentido, a utopia é uma concepção (positiva) de sociedade do futuro (BERNSTEIN, 2016), que tem na ucronia a concepção negativa (BERNSTEIN, 2016), o que outros chamam “distopia” ou “cacotopia”. No entanto, consideramos que a estrutura da obra de Thomas Morus, *A Utopia*, traz em si o segredo do significado da utopia. O livro *A Utopia* tem duas partes, uma de crítica da sociedade existente e outra que apresenta a ilha paradisíaca que tem o mesmo nome da obra<sup>3</sup>. Assim, o significado da utopia é o de um pensamento (ficcional ou real) que realiza a crítica da sociedade presente e apresenta um projeto ou proposta de sociedade futura (VIANA, 1990). Na obra de Morus temos esses dois elementos. Em outras utopias literárias aparece apenas o segundo momento, uma descrição de uma

sociedade futura. No entanto, em toda descrição de uma sociedade futura está implícito uma crítica da sociedade presente. Se a sociedade ideal é sem propriedade privada, então esta é percebida criticamente. Ou seja, toda utopia traz, explícita ou implicitamente, uma crítica da sociedade presente.

Esse é o conteúdo das utopias, mas esse conteúdo determina uma forma. Qual é a forma determinada pelo conteúdo da utopia? Ora, se o conteúdo é uma crítica da sociedade presente e um projeto de sociedade futura, então a forma é marcada por dois elementos fundamentais: o elemento crítico e o elemento propositivo. Isso se manifesta tanto nas utopias literárias quanto nas utopias sociais. Contudo, são duas formas de duas manifestações distintas. A utopia é uma crítica e um projeto que, no plano literário, constitui um gênero, mas no plano social não pode ser assim entendido. As utopias sociais são representações congruentes (VIANA, 2015), possuindo coerência e organização que vão além das representações cotidianas, mas ficam aquém do saber complexo expresso na ciência, filosofia, etc.

Assim, as utopias sociais são representações congruentes, meio-termo entre o saber cotidiano e o saber complexo, que organiza o pensamento a partir de dois aspectos basilares: crítica da sociedade presente, projeto de sociedade alternativa. Contudo, ela é basicamente conteúdo, mais que forma. É por isso que podem existir manifestações míticas ou doutrinárias utópicas, pois essas formas podem absorver o conteúdo utópico. O aspecto formal da utopia é apenas a estrutura do pensamento utópico, composta por negação e afirmação, mas que não gera uma forma mais acabada e por isso se materializa em outras formas de

<sup>3</sup> A alteração do título da obra tem pouca importância aqui. Do mesmo modo, preferimos o uso do sobrenome latinizado, Morus, ao uso original inglês, More, pois é na primeira forma que ele ficou conhecido.

pensamento mais desenvolvidas, seja para enriquecê-la, seja para empobrecê-la. Da mesma forma, ela pode se desenvolver e se tornar algo superior, um saber complexo. Isso expressaria a passagem da utopia para a teoria. Nesse momento, os seus elementos essenciais permanecem, mas são desenvolvidos e aprofundados, constituindo um saber complexo e que rompe com ilusões, ingenuidade, superficialidade. Torna-se, assim, a unidade entre a necessidade de transformação radical da sociedade gerada por sentimentos, valores, interesses, com uma análise profunda e desenvolvida da realidade social, assumindo a forma de saber complexo.

As utopias sociais são aquelas que ultrapassam o mundo da ficção ou da aspiração contemplativa<sup>4</sup> e se manifestam na vida social como projeto político, esperança messiânica, propostas de sociedade. Esse é o caso daquilo que ficou conhecido como “socialismo utópico”. Toda discussão de Marx e Engels focaliza o chamado “socialismo utópico” e poucas vezes eles citam as utopias literárias. Portanto, a oposição entre marxismo original e socialismo utópico é o elemento fundamental para entender o processo analítico da utopia em geral.

### **Socialismo científico versus socialismo utópico?**

A crítica de Marx (e, secundariamente, de Engels) ao socialismo utópico foi reduzida, por muitos, com uma oposição entre socialismo científico e socialismo utópico<sup>5</sup>. Derivado disso e nas mãos dos seus epígonos, acabou

sendo reduzido a uma oposição entre ciência e utopia. Essa interpretação tem muitos elementos para se apoiar. Desde o título do pequeno livro de Engels, *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico* (que era uma parte de sua obra *Anti-Düring*, publicado separadamente como livreto), até as diversas investidas de diversos ideólogos no sentido de recusar todo “utopismo” no pensamento de Marx, a começar por Karl Kautsky. A assimilação do marxismo original pela social-democracia significou sua mescla com o positivismo e o cientificismo (com elementos de kantismo, darwinismo, evolucionismo, etc.). E isso foi herdado pelo bolchevismo e por todas as forças progressistas da sociedade moderna, pelo menos até o final da década de 1960, com algumas exceções.

O curioso é que poucos se dedicaram a analisar os escritos de Marx sobre o socialismo utópico<sup>6</sup>. Abensour (1990) foi uma exceção e assim ofereceu uma excelente contribuição para a compreensão da relação entre Marx e o

<sup>6</sup> Alguns tentaram relacionar Marx e o socialismo utópico de forma positiva, mas através de uma interpretação mecânica, como no caso de Russ (1991). Esse autor usa uma comparação abstratificada ao encontrar elementos em Marx e em Fourier ou Proudhon para citar uma influência destes pensadores sobre o primeiro. Sem dúvida, Marx se inspirou em elementos destes autores, mas esse procedimento interpretativo é totalmente equivocado e por isso as inspirações reais são substituídas por inspirações imaginárias. No caso da propriedade, por exemplo, num primeiro momento Marx elogia Proudhon (quando este escreveu *O Que é Propriedade?* e é preciso esclarecer que seu pensamento sofreu alteração em *A Filosofia da Miséria*, que, por sua vez, foi alvo de crítica de Marx) e no caso da “antropologia” (entendida aqui como concepção de natureza humana) é possível que ele tenha se inspirado em algo de Fourier, mas sua fonte de inspiração fundamental, nesse aspecto, foi Feuerbach.

<sup>4</sup> Tal como Morus coloca: “desejo-o mais do que espero” (MORE, 2012).

<sup>5</sup> “Até um período recente, as utopias sociais não deixaram de recuar, sob pressão do pensamento marxista, que parecer ter a chave do único socialismo possível, o ‘socialismo científico’” (PETITFILS, 1977, p.18).

socialismo utópico. Abensour critica os intérpretes de Marx e Engels:

Escritos em períodos diferentes e bastante distantes no tempo, o Manifesto Comunista e Socialismo Utópico e Socialismo Científico não deixam de inspirar ao intérprete a tentação de confrontá-los. Com efeito é sedutor e fácil retirar da comparação desses dois textos uma crítica invariante da utopia. O método consiste, então, em apreciar como as teses extraídas foram anunciadas ou preparadas em textos anteriores ao primeiro texto, retomadas ou confirmadas em textos intermediários e definitivamente consagradas no segundo texto. Muitos cederam a essa tentação. Esse método, próximo da exegese, produtor de um comentário repetitivo e estéril, apresenta os inconvenientes do leito de Procusto (como toda empresa que visa mais a afirmar ou confirmar a ortodoxia que a prosseguir um trabalho teórico): isto é, num primeiro momento a localização e a escolha dos textos considerados puros e essenciais e, no segundo momento, a seleção, a redução e o afastamento de outros textos a partir das normas assim encontradas, eliminando-se necessariamente as virtualidades de que esses textos são portadores e, de modo mais geral, todo elemento, toda significação lateral que não concorde com as normas arbitrariamente estabelecidas (ABENSOUR, 1990, p. 12-13).

Abensour faz um trabalho interessante ao mostrar que a oposição entre ciência e utopia é equivocada. Ele remete a diversos textos de Marx para demonstrar isso, bem como aponta diversas afirmações deste pensador nas quais afirma que os utópicos são

científicos<sup>7</sup>. O procedimento de Abensour é não só mais rico e desenvolvido que a dos epígonos de Marx, mas também muito mais próximo do seu pensamento. Contudo, o método de leitura de Abensour também tem problemas. O primeiro é que ele não consegue compreender o campo lexical marxista e suas mutações. Esse é o caso do termo “ciência” na concepção de Marx. Esse termo é utilizado por Marx com dois significados distintos: um significado próprio, que faz parte da estrutura do seu pensamento, sendo positivo (e, nesse sentido, pouco foi utilizado) e o significado comum da palavra, no sentido positivista hegemônico na época. No primeiro significado, ciência é igual a teoria, um saber totalizante, profundo e verdadeiro sobre a realidade, cuja fonte de inspiração é Hegel (KORSCH, 1983)<sup>8</sup>. Abensour identifica o sentido negativo de ciência justamente ao analisar suas considerações sobre o socialismo utópico:

A ciência também pode estar do lado da revolução parcial e, diz Marx, em primeiro lugar a ciência dos utopistas. A ciência social arruína, mata a utopia. Em lugar de erigir a utopia como contratipo da ciência, Marx denuncia essa tara

<sup>7</sup> “Os comunistas franceses mais científicos, Dézany, Gay, etc., desenvolvem, como Owen, a doutrina do materialismo enquanto doutrina do humanismo real e base lógica do comunismo” (MARX Apud. ABENSOUR, 1990, p. 20).

<sup>8</sup> McLelland (1993) percebe que Marx usa ciência num sentido mais amplo e justifica isso pelo idioma alemão, mas Korsch (1983), conhecedor mais profundo da filosofia alemã, acerta em entender a raiz hegeliana do termo em Marx. Korsch, em outra obra (1977), coloca explicitamente que “no sentido burguês do termo” (que é o sentido positivista), o marxismo não é uma ciência. O que ambos não perceberam é que às vezes Marx usava o termo ciência no sentido negativo (positivista ou burguês).

congênita da utopia que é a cientificidade. Daí vem a oposição entre dois tipos de ciência: a ciência doutrinária e a ciência revolucionária (ABENSOUR, 1990, p. 21).

Assim, a “ciência doutrinária” é alvo de crítica de Marx e a “ciência revolucionária” é o elemento fundamental do seu pensamento, para usar expressões de Abensour. Um outro limite da análise de Abensour é não levar em conta a evolução intelectual do pensamento de Marx. A compreensão de um autor passa por uma análise de sua evolução intelectual, pois, caso contrário, as alterações, os aprofundamentos, as retificações, entre outros processos, são apagados. Proudhon mudou e por isso a avaliação dele por Marx sofreu alteração. No entanto, Marx também mudou e isso também contribuiu para ele alterar sua análise da obra de Proudhon.

Outro ponto problemático de Abensour é considerar o *Manifesto Comunista* (bem como o livretinho de Engels) como “propaganda”. Sem dúvida, é um manifesto e por isso não tem a profundidade de *O Capital*, mas não é um texto dos mais simples e as leituras superficiais podem fazer parecer que é fácil e propagandístico, mas há muita sutileza neste escrito. Da mesma forma, é onde ele deixa mais explícita e desenvolvida sua posição diante do socialismo utópico. Por isso o *Manifesto Comunista* precisaria ser analisado, pois, caso contrário, o procedimento que o próprio Abensour acusa os intérpretes de Marx, se aplicaria a ele mesmo (repetindo: “a seleção, a redução e o afastamento de outros textos a partir das normas assim encontradas, eliminando-se necessariamente as virtualidades de que esses textos são portadores e, de modo mais geral, todo elemento, toda

significação lateral que não concorde com as normas arbitrariamente estabelecidas”). O *Manifesto* pouco aparece em sua análise. De qualquer forma, Abensour é um dos poucos que tematiza mais profundamente a relação entre marxismo original e socialismo utópico.

A posição de Marx diante do socialismo utópico está mais desenvolvida no *Manifesto Comunista* e os elementos essenciais estão presentes nos poucos trechos do mesmo, inclusive reforçando a interpretação de Abensour. Marx analisa o socialismo utópico através de sua teoria da história, ou seja, do materialismo histórico. Esse é um elemento fundamental. Para Marx, a história das sociedades de classes é caracterizada pela luta de classes, tal como se vê no próprio *Manifesto Comunista* (MARX e ENGELS, 1978). O socialismo utópico é interpretado como expressão intelectual de um estágio rudimentar da luta proletária:

As primeiras tentativas do proletariado para alcançar seus objetivos, realizadas em épocas de efervescência geral, no período de destruição da sociedade feudal, falharam, devido ao estado precário do proletariado e à ausência de condições econômicas para sua emancipação, condições que só poderiam ser provocadas pela época burguesa. A literatura revolucionária que acompanhara esses primeiros movimentos do proletariado possuía, necessariamente, um caráter reacionário, inculcando o ascetismo universal e um grosseiro igualitarismo (MARX e ENGELS, 1978, p. 120).

Marx complementa dizendo que os sistemas produzidos por Saint-Simon, Fourier, Owen e outros, surgem nesse primeiro momento de luta entre

burguesia e proletariado. Ou, mais explicitamente:

Como o desenvolvimento dos antagonismos de classes acompanha o da indústria, a situação econômica, no seu entender, não oferece as condições materiais necessárias à emancipação do proletariado. Por isso, procuram uma nova ciência social, novas leis sociais, que criem tais condições (MARX e ENGELS, 1978, p. 120).

Abensour poderia ter retirado desse trecho mais um elemento para reforçar a crítica de Marx da criação de ciência e sistemas de pensamento. Marx conclui que:

Os fundadores desses sistemas reconhecem os antagonismos de classe e a ação dos elementos destruidores na própria sociedade dominante. Mas o proletariado ainda em formação lhes parece uma classe sem qualquer iniciativa histórica ou qualquer movimento político independente

Marx não apenas relaciona socialismo utópico e desenvolvimento incipiente do proletariado, como também aponta para a posição dos utopistas diante do proletariado, ao considerá-lo sem capacidade de “iniciativa histórica” e “movimento político independente”. Aqui temos um elemento fundamental do pensamento de Marx. A sua teoria da revolução é fundada na ideia de autoemancipação do proletariado (VIANA, 2016; VIANA, 2012). Em várias obras ele destacou esse processo e analisou os estágios da luta operária (MARX, 1989; MARX e ENGELS, 1978) até o ponto da autoemancipação (MARX, 1986; MARX e ENGELS, 1978). O *Manifesto Inaugural* da Associação Internacional dos Trabalhadores, redigido por Marx, aponta justamente para essa ideia-

chave: “a emancipação dos trabalhadores é obra dos próprios trabalhadores”.

A ideia central de Marx é que a história das sociedades de classes é a da luta de classes e a compreensão do seu pensamento político só pode ser efetivada tendo em vista essa concepção basilar e bem distinta da dos pseudomarxistas e diversos intérpretes do seu pensamento, incluindo aqueles que trocam luta de classes por luta de partidos e coisas semelhantes. Assim, da social-democracia ao bolchevismo, se repete os mesmos erros dos socialistas utópicos:

À atividade histórica substituem sua própria imaginação pessoal; às condições históricas da emancipação, condições fantásticas, e à organização espontânea e gradativa do proletariado em classe em organização social pré-fabricada por eles. Em sua opinião, a história do futuro resume-se na propaganda e na realização prática de seus planos de organização social. Na formação desses planos, comparam-se que estão cuidando sobretudo dos interesses da classe operária, a classe mais sofredora. Para eles, o proletariado só existe sob o prisma de classe mais sofredora (MARX e ENGELS, 1978, p. 121).

Essa crítica de Marx se aplica igualmente à social-democracia e bolchevismo. Contudo, existem diferenças. O socialismo utópico surge numa época determinada, na qual a classe burocrática e a classe intelectual estão pouco desenvolvidas, especialmente a última. A social-democracia e o bolchevismo emergem numa época em que a burocracia e a intelectualidade já estão desenvolvidas

como classes sociais<sup>9</sup>. Por isso, o substitucionismo utópico é devido ao contexto histórico no qual o proletariado está pouco desenvolvido e os utopistas eram filantropos preocupados com a classe mais sofredora, mesmo porque a exploração nessa época era bem mais visível e as longas jornadas de trabalho e condições de vida bastante precárias.

Esse caráter incipiente do proletariado faz emergir tais planos imaginativos e o desejo de “melhorar a condição de todos os membros da sociedade”, “apelam indistintamente para todas as classes da sociedade”, até mesmo para a classe dominante. Marx ironiza, parafraseando Leibniz: “pois como poderiam as pessoas deixar de reconhecer nesse sistema, o melhor plano possível para a melhor das sociedades possíveis?” (MARX e ENGELS, 1978, p. 121). Eis o melhor plano possível para o melhor dos mundos possíveis. É por isso que os socialistas utópicos “rejeitam toda ação política e, principalmente, toda ação revolucionária”. Aqui está um dos elementos fundamentais da crítica de Marx aos socialistas utópicos. Eles “procuram atingir seus objetivos por meios pacíficos e tentam abrir caminho ao novo evangelho social por experiências em pequena escala, necessariamente destinadas ao fracasso, e pela força do exemplo” (MARX e ENGELS, 1978, p. 121).

Nesse sentido, o texto “propagandista” de Marx expressa uma explicação para a existência do socialismo utópico, o estado rudimentar do proletariado e isso

explica, por sua vez, seus limites: substituição do proletariado, planos imaginativos em substituição da luta de classes, meios gerais e pacíficos de luta. O socialismo utópico é limitado pela condição histórica do proletariado, o que gera o substitucionismo de classe (os filantropos substituem o proletariado), de imaginação (a luta operária é substituída pelos planos imaginativos), de luta (a luta revolucionária é substituída por apelo geral para toda a sociedade, meios pacíficos e pequenas experiências e a força do exemplo)<sup>10</sup>. Desta forma, a crítica ao socialismo utópico não é por causa da utopia em si e sim por causa do utopismo, caracterizado pelo substitucionismo, cuja fonte é uma suposta “ciência social” e criação de “sistemas utópicos” ao invés da análise da realidade concreta e da força social capaz de efetivar a revolução social, o proletariado.

A análise de Marx do socialismo utópico vislumbra uma questão fundamental e que persistirá no anarquismo e outras tendências que surgirão posteriormente e continuam existindo até hoje. Ao entender a classe operária como mais sofredora, ele acaba sendo expressão dos sentimentos e necessidades dessa classe, mas não dos seus interesses e nem consegue elevar isso ao nível de uma teoria. Marx explicita essa questão dos sentimentos e necessidades com a expressão “aspirações instintivas”:

A descrição fantástica da sociedade futura, feita numa época em que o proletariado ainda se encontra num estado rudimentar e tem apenas uma concepção fantasista de sua

<sup>9</sup> Existe uma extensa bibliografia mostrando o processo de burocratização dos partidos de esquerda e do substitucionismo no caso do bolchevismo. É suficiente citar a obra clássica de Robert Michels sobre a social-democracia (MICHELS, 1981) e a de Makhaïsky sobre o bolchevismo (MAKHAÏSKY, 1981).

<sup>10</sup> As tentativas de Owen com as diversas cooperativas é um exemplo dessas concepções e os planos de Fourier com seus 700 tipos de falanstérios é exemplar de “planos imaginativos”.

própria posição, corresponde às primeiras aspirações instintivas dessa classe a uma transformação geral da sociedade (MARX e ENGELS, 1978, p. 121).

Aqui reside o aspecto positivo do socialismo utópico. Ele é a expressão das aspirações instintivas do proletariado, manifestando sentimentos simpáticos pelo proletariado<sup>11</sup>. Essa primeira manifestação é “instintiva” por lhe faltar maior racionalidade e desenvolvimento. Por isso sua expressão sentimental por indivíduos de outras classes é acompanhada pelo substitucionismo e pela imaginação, os “sistemas utópicos”. Derivado disso, emerge o mérito do socialismo utópico:

Essas obras socialistas e comunistas também contêm um elemento crítico. Atacam todos os princípios da sociedade vigente. Portanto, fornecem valioso material para o esclarecimento da classe operária. As medidas práticas que propõem – tais como a supressão da distinção entre a cidade e o campo, a abolição da família, das indústrias nas mãos de particulares, do sistema de salários, a proclamação da harmonia social, a transformação do Estado em mero administrador da produção – anunciam o desaparecimento dos antagonismos de classes que mal começam e que são encarados por tais obras de maneira indefinida e imprecisa. Por conseguinte, essas medidas possuem um caráter simplesmente utópico (MARX e ENGELS, 1978, p. 122).

Marx destaca, nesse trecho, o caráter crítico do socialismo utópico e reconhece o “valioso material” para

<sup>11</sup> Entenda-se, aqui, por “sentimentos simpáticos pelo proletariado”, uma expressão do fenômeno que consiste em indivíduos de uma classe social expressar os sentimentos de outra classe social, por compaixão.

esclarecimento do proletariado. Como manifestação utópica, a crítica da sociedade presente é expressa pelo socialismo utópico. As medidas práticas anunciam o fim da luta de classes, mas o estágio rudimentar dessa acaba gerando uma percepção indefinida e imprecisa por parte dos socialistas utópicos e suas obras. A crítica é o ponto forte, as medidas práticas já são ambíguas e possuem um caráter “utópico”, aqui a palavra aparecendo num sentido pejorativo.

Depois de reconhecer o vínculo sentimental do socialismo utópico com o proletariado, Marx reconhece seu caráter crítico, mas limitado, especialmente por não compreender mais profundamente a luta de classes e por isso suas medidas práticas são limitadas. A crítica de Marx ao socialismo utópico é expressa mais claramente na análise de sua defasagem histórica:

A importância do socialismo e do comunismo crítico-utópico está na razão inversa do desenvolvimento histórico. À medida que se forma e se desenvolve a moderna luta de classes, o fantástico afã de abstrair-se dela, os ataques que lhes são feitos, perdem todo o valor prático e toda a justificação teórica. Por isso, embora os fundadores desses sistemas fossem revolucionários em certos aspectos, seus discípulos formaram meras seitas reacionárias, pois se prendem às concepções de seus mestres, apesar do desenvolvimento histórico do proletariado.

Procuram consistentemente atenuar a luta de classes, conciliando os antagonismos. Sonham com a realização experimental de suas utopias sociais, com *phalanstères* isolados, com a criação de colônias internas, ou com o estabelecimento da *Pequena Icaria* – edições de

bolso da Nova Jerusalém – para realizar tais castelos no ar, veem-se obrigados a apelar para os sentimentos e os cofres dos burgueses. Pouco a pouco, caem na categoria dos socialistas conservadores ou reacionários [...], deles diferindo apenas por um pedantismo mais sistemático e uma fé fanática e supersticiosa nos efeitos miraculosos de sua ciência social (MARX e ENGELS, 1978, p. 122).

O socialismo utópico, em sua época de nascimento, era justificado pelo estágio rudimentar do proletariado e sua luta. Contudo, com o desenvolvimento histórico, essa justificativa se perde e o seu valor decresce. A formação de “seitas reacionárias” e a recusa da luta de classes apenas mostram o seu progressivo distanciamento do proletariado e dos interesses desta classe. O substitucionismo, no novo contexto histórico, se torna conservador. O mérito do socialismo utópico se perde com o passar do tempo, em “razão inversa do desenvolvimento histórico”.

### **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Teórico**

A análise do socialismo utópico por Marx no *Manifesto Comunista* reforça, no geral, a interpretação de Abensour (1990) na maioria dos seus aspectos<sup>12</sup>. Marx não enfatiza a oposição entre utopia e ciência, como bem colocou

<sup>12</sup> O texto de Engels (1978), por sua vez, reproduz a ideia geral de Marx sobre a relação entre socialismo utópico e luta proletária no contexto histórico. Engels não era um pensador tão original quanto Marx e por isso pouco acrescentou ao que este afirmou. O problema é que os acréscimos, muitas vezes, são problemáticos. Um elemento desse processo é o uso, muito mais enfático, do termo “socialismo científico”, entre outros problemas que geram confusão, simplificação e esquematização. É por isso que diversos autores distinguem entre Marx e Engels (MONDOLFO, 1956; VIANA, 2016).

Abensour (1990). Inclusive, a formação de “sistemas de pensamento”, é comum e muitas vezes revelam seu caráter científico, no sentido pejorativo do termo, tal como Marx coloca em algumas passagens: “assim como os economistas são os representantes científicos da classe burguesa, os socialistas e os comunistas são os teóricos da classe proletária” (MARX, 1989, p. 118).

Hegel utiliza o termo ideologia como sendo o pensamento congelado de uma época e a teoria como expressão (verdadeira) dessa mesma época (GOMBIM, 1974). Essa oposição entre ideologia e teoria será retomada em algumas passagens por Marx e, posteriormente, por Karl Korsch (1977). A teoria, no entanto, é essencialmente crítica. A crítica revolucionária de Marx é manifestação de sua teoria. A teoria só é possível quando emerge uma classe social que traz em si a realização da sociedade futura, ou seja, do proletariado. A teoria, e a crítica revolucionária que ela possibilita, só pode existir a partir da perspectiva do proletariado como classe autodeterminada<sup>13</sup>. É por isso que o marxismo surge não com a formação do proletariado, mas quando sua luta atinge um estágio mais elevado (LABRIOLA, 1979).

Por conseguinte, o socialismo de Marx é teórico e é a suplantação do socialismo utópico. Ele conserva os elementos válidos do socialismo utópico (expressão sentimental do proletariado, crítica da sociedade presente, projeto de

<sup>13</sup> Marx distingue “classe em-si” e “classe para-si”, retomando linguagem hegeliana (HEGEL, 1988), e que significa classe determinada, caracterizada por sua posição na divisão social do trabalho (no caso do proletariado, por sua posição nas relações de produção capitalistas) e classe autodeterminada, que se associa e luta por seus interesses de classe (VIANA, 2016).

sociedade do futuro), mas os eleva a um nível superior e supera os seus limites. Assim, o proletariado é o coração e o socialismo teórico (marxismo) é a cabeça (MARX, 1968). A expressão sentimental e dos interesses de classe do proletariado ganha a forma teórica, superior à sua forma utópica, e assim supera os seus limites, transformando a crítica da sociedade presente em crítica radical e fundamentada teoricamente<sup>14</sup>, e colocando a sociedade do futuro, o comunismo (hoje diríamos autogestão, para diferenciar das deformações históricas em relação ao nome e países que foram equivocadamente denominados como “comunistas”), como processo de criação proletária que se constitui na realidade concreta, o que significa o abandono dos “planos imaginativos”<sup>15</sup>. A revolução parcial proposta pelos socialistas utópicos é substituída pela revolução total do

<sup>14</sup> A monumental obra *O Capital* é um dos capítulos de tal crítica do capitalismo e das ideologias legitimadoras do mesmo.

<sup>15</sup> Isso explica, parcialmente, o vínculo que alguns viram entre “esquerdismo”, inclusive citando “autogestão” e “comunismo de conselhos”, com utopia (PETITFILS, 1977), que é uma retomada da concepção expressa pelo bolchevismo (“corrente fria do marxismo”) em relação ao marxismo revolucionário que é uma continuação e desenvolvimento do marxismo original. Aqui a utopia é vista pejorativamente e sua união com o comunismo de conselhos e a teoria da autogestão tem o mesmo significado da tentativa de Lênin de desqualificar o esquerdismo. Contudo, ao contrário do socialismo utópico, o comunismo de conselhos e o marxismo autogestionário se fundamentam na teoria iniciada por Marx e nas experiências históricas do proletariado e suas lutas concretas e tendência histórica. Essa crítica é válida para as tendências que querem congelar o comunismo de conselhos, mas não para sua versão original, e muito menos para o marxismo autogestionário. Num caso, foram os conselhos operários e a possibilidade histórica e concreta de transformação radical que alimentou a teoria conselheira e, noutro caso, foram as experiências autogestionárias.

proletariado (ABENSOUR, 1990) e os sistemas utópicos gerados pela imaginação é substituído pela análise da tendência histórica e das suas formas de emergência através da luta proletária.

Assim, essa passagem do socialismo utópico para o teórico significa uma suplantação intelectual. Ela foi a expressão teórica do movimento real do proletariado. A imaginação, os sistemas, a suposta ciência social, etc. são superadas e em seu lugar brota a crítica radical e a teoria revolucionária. Se na época em que o proletariado não tinha forças para se autoafirmar como classe independente e autônoma, o socialismo utópico se justificava como sua expressão sentimental, isso não tem mais valor. Até hoje isso ainda ocorre, tal como em certas correntes do anarquismo, cuja expressão sentimental do proletariado fica restrita a doutrinas limitadas. O seu significado é outro depois das lutas operárias radicalizadas (e revoluções proletárias inacabadas) e do desenvolvimento teórico expresso pelo marxismo original e seus continuadores, pois significa que a expressão sentimental está aquém do potencial e até mesmo do desenvolvimento real do movimento operário.

Marx enfatizou a necessidade de superar a separação entre razão e sentimentos, ou, como ele colocava metaforicamente, cabeça e coração. A cabeça sem coração é fria e imobilizadora e o coração sem cabeça é voluntarismo cego. O socialismo teórico<sup>16</sup> é a unificação entre cabeça e

<sup>16</sup> A expressão “socialismo teórico”, devido ao processo de deformação do termo socialismo, é problemática e aqui tem apenas o papel de substituir o termo ainda mais problemático que é “socialismo científico”. Da mesma forma, o termo “comunismo crítico”, usado por Marx e retomado por Labriola (1979) é problemático pela deformação da palavra “comunismo”,

coração, entre razão e sentimentos. Como já dizia Hegel, “não basta amar, é preciso saber amar”. É nesse contexto que a teoria se torna fundamental e suplanta a utopia, mantendo o fogo aceso dos sentimentos, mas guiando-lhes pela compreensão da realidade concreta através da teoria. A teoria conserva o fogo utópico e o eleva a um nível superior, ao torná-lo materializável. É por isso que o marxismo foi considerado por Ernst Bloch como uma “utopia concreta” (BICCA, 1987).

### Considerações finais

O trajeto do presente artigo foi marcado por uma reconstituição da análise de Marx do socialismo utópico e da sua crítica ao mesmo, bem como sua proposta de superação com o “socialismo teórico” (chamado na época por Marx como “comunismo crítico” e por Engels como “socialismo científico”, entre outras formas). O objetivo foi esclarecer que a crítica de Marx não se referia ao projeto de uma sociedade futura, como popularmente se coloca, e sim como esse era constituído pelo socialismo utópico, através de sistemas utópicos e planos imaginativos, parte da crítica geral do substitucionismo utopista. Desta forma, ao contrário daqueles que sempre quiseram afastar Marx do socialismo utópico com o objetivo de lhe retirar o caráter revolucionário, ele nega este em seus limites e falta de radicalidade<sup>17</sup>,

muito mais ampla. De resto, o nome marxismo também foi deformado e por isso a necessidade de distinguir o marxismo do pseudomarxismo e explicitar o que significa marxismo original, bem como comunismo de conselhos e marxismo autogestionário, tendências distintas de outras manifestações consideradas marxistas, como social-democracia e bolchevismo.

<sup>17</sup> “Marx designa como utópico todo projeto político-social que peque por defeito de radicalidade, e permaneça volens nolens no

não por excesso deste. O marxismo original reconheceu os méritos da utopia e do socialismo utópico e ao mesmo tempo promoveu sua suplantação e sua substituição pela teoria revolucionária do proletariado.

### Referências

- ABENSOUR, Miguel. *O Novo Espírito Utópico*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- BERNSTEIN, Serge. Utopia e Ucronia. Concepções de Sociedade do Futuro. *Sociologia em Rede*. Vol. 06, num. 06, 2016.
- BICCA, Luiz. *Marxismo e Liberdade*. São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Thomas Münzer, O Teólogo da Revolução*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- ENGELS, Friedrich. *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. São Paulo: Global, 1978.
- GOMBIM, Richard. *As Origens do Esquerdismo*. Lisboa: Dom Quixote, 1974.
- HEGEL, G. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas de Epítome*. Vol. 1. Lisboa: Edições 70, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à História da Filosofia*. Coimbra: Armênio Amado, 1980.
- KORSCH, Karl. *Karl Marx*. Barcelona: Ariel, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e Filosofia*. Porto: Afrontamento, 1977.

interior dos limites da própria ordem que pretende transformar” (ABENSOUR, 1990, p. 32). “Quem apenas nega o sistema é uma negação do sistema, e, portanto, um apêndice preso ao sistema” (TEIXEIRA, 1983, p. 30). Apesar do termo “sistema”, ao invés do conceito de capitalismo, aqui apenas se deixa bem claro que o negacionismo não é utópico, pois este é afirmativo. Marx supera a utopia abstrata e coloca em seu lugar a utopia concreta, que é uma transformação radical da sociedade, o que significa abolição do capitalismo e instauração do comunismo (autogestão).

- LABRIOLA, Antonio. *La Concepción Materialista de la Historia*. Madrid: Editorial 7, 1979.
- MAKHAÍSKY, J. W. *Ciência Socialista, A Nova Religião dos Intelectuais*. In: TRAGTENBERG, Maurício (org.). *Marxismo Heterodoxo*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- MARX, K. e ENGELS, F. *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*. São Paulo: Ciências Humanas, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Manifesto do Partido Comunista*. In: LASKI, Harold. J. *O Manifesto Comunista de Marx e Engels*. 2ª Edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MARX, Karl. *A Guerra Civil na França*. 2ª edição, São Paulo: Global, 1986.
- \_\_\_\_\_. *A Miséria da Filosofia*. 2ª edição, São Paulo: Global, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Crítica de la Filosofía del Derecho de Hegel*. Notas Aclaratorias de Rodolfo Mondolfo. Buenos Aires: Ediciones Nuevas, 1968.
- MCLELLAN, David. *As Ideias de Marx*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- MICHELS, Robert. *Sociologia dos Partidos Políticos*. Brasília: UnB, 1981.
- MONDOLFO, Rodolfo. *El Materialismo Histórico en F. Engels y Otros Ensayos*. Buenos Aires, Raigal, 1956.
- MORE, Thomas. *Utopia*. São Paulo: Escala, 2012.
- PETITFILS, Jean-Christian. *Os Socialismos Utópicos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- PLATÃO. *A República*. São Paulo, Hemus, 1974.
- RUSS, Jacqueline. *O Socialismo Utópico*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- TEIXEIRA, Luiz Gonzaga. *Utopia. Manual do Militante*. São Paulo: Ibrasa, 1983.
- VIANA, Nildo. *A Pesquisa em Representações Cotidianas*. Lisboa: Chiado, 2015.
- \_\_\_\_\_. *A Teoria das Classes Sociais em Karl Marx*. Florianópolis: Bookess, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Karl Marx: A Crítica Desapiedada do Existente*. Curitiba: Prismas, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Quem tem Medo da Utopia? Brasil Revolucionário*, ano 2, n. 7, dezembro de 1990.